

01 MAR 1993

JORNAL DO BRASIL

O dilema de Itamar⁹

EMIR SADER *

As declarações de boas intenções de Itamar Franco serviram para demonstrar que mudou algo mais do que o presidente do Brasil. Um consenso imposto pelas elites responsáveis pela pior concentração de renda no mundo, a favor do império de um mercado controlado por elas, foi rompido. "O mercado está nervoso..." "Vamos ver como reage o mercado..." Afirmações como essas — que têm a vantagem de mostrar como o poder está nas mãos de ínfimas minorias com acesso ao mercado — comandam a cabeça de muita gente — da imprensa ao Congresso, passando por ministérios e centros de economia. Itamar quebrou esse consenso burro com seus questionamentos do império do mercado — isto é, da especulação financeira —, pondo em questão políticas econômicas que funcionam à custa dos problemas sociais e multiplicam a concentração da renda.

Até aí, tudo bem. Mas o governo Itamar corre o sério risco de ficar nas intenções e frustrar mais uma chance de o país romper com o círculo vicioso e perverso da especulação financeira, em favor da reativação econômica, do mercado interno, da redistribuição da renda, do combate ao desemprego, de um projeto nacional que contemple isso tudo e muito mais, num programa que galvanize o país, incluindo aquelas maiorias que o mercado exclui.

A passagem da ditadura para a democracia parlamentar foi perdida. Um regime nascido à imagem e semelhança do Colégio Eleitoral e não da campanha das diretas, com a paternidade do PMDB e do PFL na malfadada Aliança Democrática, privilegiou a continuidade sobre a ruptura, impondo um tom conservador à transição. Seu pior traço foi o abandono das questões sociais. Com a renúncia à reforma agrária, o cumprimento com as dívidas externa e interna, com a adoção de políticas econômicas que induziram a orientação de cumprimento com essas dívidas e contribuíram para piorar ainda mais a concentração da renda e a marginalização das políticas sociais, o neoliberalismo saiu triunfante do governo Sarney e teve seu apogeu no governo Collor.

A derrubada de Collor desarticulou o esquema político em que se apoiava o projeto neoliberal. Mas sua queda — embora a corrupção seja um fenômeno estreitamente vinculado ao neoliberalismo, pelo desprezo que este vota aos bens públicos, de que Carlos Menem e Carlos Andrés Perez são outros exemplos — não significou imediatamente uma derrota do neoliberalismo. O grande empresariado, ao perceber que a manutenção de Collor era inviável, tentou entregá-lo em troca dos dedos — Márcio Marques Moreira e sua política liberal de combate à inflação pela recessão — até que teve que se conformar com sua substituição.

A partir dali, os guardiães do neoliberalismo — e do mercado que eles mesmos controlam — buscaram defender posições, usando todos os recursos para obter do novo governo garantias que lhes assegurem as posições privilegiadas. Patrulhar para que não haja nenhuma medida que mude as regras do jogo, que os beneficiam amplamente — esse o objetivo central. Que tudo mude, para que tudo — isto é, as condições de acumulação de capital — siga igual.

Embora os questionamentos de Itamar aos princípios do neoliberalismo tenham introduzido fissuras no até então monolítico

co consenso de grande parte dos meios de comunicação, a manutenção da orientação econômica por parte do governo atual demonstra a força persistente do neoliberalismo. Se segundas, quartas e sextas, Itamar Franco ataca o reinado do mercado, o combate à inflação com taxas de juros altas, a elevação das tarifas públicas sem vinculação com aumentos salariais, terças e quintas ele e seus assessores reiteram garantias ao grande empresariado: "que nenhuma regra essencial será alterada", o "mercado pode se tranquilizar".

As remarcações de preços são uma burla e um teste para Itamar. Suas palavras duras não encontram ressonância nos atos, já que não há um mecanismo de controle de preços, e os neoliberais de turno abominam qualquer movimento que contrarie o *caminho natural do mercado* a que estaríamos condenados. No México — modelo de neoliberalismo supostamente de sucesso —, os preços dos produtos de consumo popular são controlados pelo governo e têm dado cadeia para industriais e comerciantes que os burlem. O governo continua a subvencionar a fabricação do fusca. Estes e outros exemplos demonstram como nem no México o mercado milagrosamente produziu estabilidade financeira.

Itamar Franco pode fracassar se não romper com os pressupostos da política neoliberal. Ele precisa tornar efetivamente prioridade o combate aos déficits sociais que denuncia. Uma medida indispensável é acabar com a política de juros altos como forma de combate à inflação. Esse critério monetarista opera como quinta coluna dentro do próprio Estado, na medida em que multiplica as dívidas estatais e incentiva a que os 103 bilhões de dólares — 20% do PIB — sigam na cruel, anti-social e improdutivo ciranda financeira.

Ao dar garantias a setores do empresariado que faturam com a especulação, Itamar também está consumando um harakiri de seu governo. Seus bons propósitos ficarão no papel e mais uma oportunidade será perdida pela democracia brasileira para ganhar consistência social e incorporar à cidadania a grande maioria de brasileiros, hoje marginalizados por um mecanismo selvagem do capitalismo especulativo.

Comprometendo-se a pagar as dívidas interna e externa, respeitando mecanismos que permitem a reprodução especulativa do capital, mantendo critérios monetaristas de combate à inflação e concedendo às ofensivas de desestabilização dos que têm muito a perder — porque é muito o que ganham especulativamente —, Itamar Franco condena seu governo à inércia e ao fracasso. O coração do governo está em sua política econômica, e esta nega nos atos as boas intenções do presidente.

O apoio popular de que ainda dispõe é o capital com que ele conta para dar uma virada. Os indícios de que, passado fevereiro, a inflação vai se consolidar no patamar de 30%, ou até superá-lo, podem ser o sinal agônico para um governo que, aí, poderá até apelar para medidas desesperadas, mas já sem tempo nem apoio popular. A corda estendida pelo capital especulativo terá fechado o cerco sobre Itamar e seu governo administrará no dia a dia uma massa falida herdada de quase três décadas de ditadura daquelas forças. A esperança de tantos e o medo das elites se transferirão para 1994, enquanto o Brasil estará completando década e meia perdidas.

* Professor do Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP